

Comunicação.

Tive e conta dos dias que passei com ele naquela cela estreita e escura. Perdi a conta das vezes que compartilhei com ele daquele mingau repulsivo que aqui passa por comida, e daquele vaso horrível que passa por instalação higiénica. Tinha se estabelecida entre nós uma intimidade física desagradante tanto mais absurda, por jamais ter eu lhe visto o rosto, tamanha a escuridão da cela. Temos trocado umas poucas palavras, todas elas relativas a situação imediata, mas não se estabeleceu entre nós o menor contacto mental, por primitivo que seja. A nossa intimidade física era acompanhada por uma separação intelectual total, como que para prover que se trata de dois mundos distintos. Essa situação aumentava, dia e dia, o meu sentimento do absurdo e intolerável. Se quizer suportar ^{com} convivência por cada, era necessário estabelecer uma comunicação mental ~~entre~~ o meu companheiro de cela.

As poucas palavras que ele tinha pronunciado a contragosto com voz rouca, revelavam uma personalidade grosseira, agressiva, dominadora, cheia de falsa segurança em si mesmo, inculta e alheia a qualquer pensamento abstrato. Revelavam uma personalidade prática e pragmática, inimiga de teoria e de especulação, em outras palavras, eu estava frente a frente com um criminoso primitivo. Isto dificultava a possibilidade de eu me comunicar com ele pois compartilhava de muito poucos interesses com um espirito desse calibre. No entanto, ele fazia parte da mesma sociedade ocidental, e era inconcebível que não existisse algo comum entre nós, além da comida e da digestão, que possa servir como base de um contacto.

Eu sei em minha mente cuidadosamente as primeiras palavras que lhe ia dirigir, porque sentia que tudo dependia delas. Um primeiro malentendido, uma primeira reacção hostil por sua parte prejudicariam basicamente todas as minhas tentativas futuras e substituiriam o clima atual, o absurdo, pelo clima de hostilidade. Não podia começar o contacto com a minha apreensão, porque o meu n.º. estrangeiro poderia provocar no seu espirito toda uma cadeia de reacção, talvez eu demonstrado a separação profunda entre nós, ao pronunciar meu nome, teria eu demonstrado a separação profunda entre nós, ao envez de nossa comunicação de interesses. Um pouco deveria eu lhe perguntar seu nome. Todo sinal de curiosidade precisava ser evitado. A sua agressividade denotava uma profunda ansiedade suscetível a transbordar-se em ataque brutal ao menor sinal de interesse alheio, interpretado como esnobeísmo. Apresentações de nomes ficaram, portanto, excluídos da minha tentativa de iniciar um conversação com ele.

Era necessário estabelecer uma base neutra que não envolva nem e sua nem a minha personalidade e que tenha um significado aproximadamente igual para ambos. Uma vez encontrada a base, o tema da minha comunicação, tinha que escolher as minhas palavras com o máximo cuidado. Não devia usar palavras que talvez lhe fossem estranhas. Isto provocaria a sua desconiança. Não devia usar palavras por ele consideradas difíceis. Isto poderia causar a impressão de prepotência de minha parte. Não devia usar palavras primitivas demais. Isto poderia ser interpretado como sinal de desprezo. Muito importante era também a intonação da minha voz que devia ser a mais neutra possível. Não devia denotar nenhuma emoção, qualquer que seja. O perigo de uma interpretação errônea de toda emoção era evidente. Imaginava que a escala de emoções por ele aplicada deveria ser maior e mais larga que a minha. Provavelmente ele conhecia emoções mais fortes e menos graduadas. Uma leve simpatia minha poderia ser interpretada como sinal de amizade não solicitada, uma leve reserva como sinal de hostilidade.

O meu sotaque representava um problema difícil. Era inelivelmente inevitável, se bem que me esforçaria de suprimi-lo até o limite do possível. É verdade que ele não conseguiria localisá-lo geograficamente ou socialmente. Nunca, nem aproximadamente, ele me colocaria na burguezia tcheca. Tentei, em vão, imaginar que consonância o meu sotaque provocaria em seu espirito. Não consegui descobrir que classe de preconceitos se não por ele provocados. A nossa primeira conversa estará, pois, por necessidade do meu sotaque, banhada em dubiosidade.

Comunicação.

Passarei a estudar o tema a ser comunicado. Eliminei todos assuntos relativos a nossa situação atual por demais suscetivos a interpretações erradas. Todo o vasto campo da comida, bebida, digestão e comodidade física ficou excluído. Isto dificultou o meu propósito, pois justamente nesse campo residiam as melhores esperanças para uma comunhão de interesses. Restaram, no entanto, tres terrenos com alguma promessa de exito, a saber: esporte, politica e sexo. Depois de demoradas considerações eliminei os dois primeiros. Tratava-se de assuntos que tinham para o meu interlocutor talvez cargas sentimentais que me eram estranhas. Talvez era ele corintiano ou janista, e uma palavra minha mal interpretada poderia provocá-lo. Sou inteiramente ignorante do aspecto emocional do esporte e um entendimento nesse campo me parecia, portanto, ab initio precluso. Quanto á politica, descobri que o que eu entendia por esta palavra provavelmente nada tinha em comum com a palavra identica empregada por meu companheiro. Eram meros homônimos sem parentesco de significado. Restava, como ultimo e unico recuso, o sexo. Não nutria duvidas que todo o complexo sistema de preconceitos, tabus e atos culticos que representa esse tema, era para nós dois profundamente diverso. Em nada disso as nossas opiniões, as nossas reacções e os nossos sentimentos coincidiriam. A começar com o proprio ideal de mulher, e confesso que estremei ao imaginar o dele. No entanto, suprimi essas objecções a favor da consideração seguinte: o ato fisiológico e os processos glandulares de secreção interna e externa sendo praticamente identicos em ambos, devem, por força de correspondencia, resultar em emoções basicamente parentes. Resolvi, portanto, adotar o tema do sexo para a minha primeira comunicação com meu companheiro.

A riqueza de variações desse tema me conludia. Não vasta era a gama de possíveis expressões, que tornou difficil a escolha. Optei, depois de demoraos estudos, pela comunicação de meu desejo, alias irrealizavel, de ter na nossa cela um objeto sexual, fazendo simultaneamente subentender que esse desejo era compartilhado ~~em~~ por meu coprisoneiro. Desta forma uma base comum de interesses teria sido estabelecida e uma ponte mental entre nós teria sido lançada.

Dado o tema e a variação, restava a ser feita a instrumentação da obra. Para facilitar esse trabalho, construi mentalmente as seguintes monstruosidades, estabelecendo desta forma os limites dentro dos quais me conservaria: "Uma tema da especie homo sapiens na nossa cela seria um desideratum para ambos". "Com a presença de um representante do sexo iraco seria satisfeito um desejo tanto de Yossa Excellencia como meu". "Ah, como ambos enciamos de server o perfume suave da flor da femininidade." "Se tivéssemos uma mulher, hein?". Dentro desses extremos construi a primeira aproximação como segue: "Não seria bom se tivéssemos uma mulher conosco?"

Sob analise, no entanto, essa solução me paraceu pouco satisfatoria. A palavra "não" traia o meu espirito critico e negativista. Toda a construção gramatical era complicada, problematica e rebuscada. Optei pois pela seguinte edição simplificada: "Uma mulher aqui seria bom, não acha?" A primeira vista essa construção me seduzia por sua simplicidade, honestidade e pujança. No entanto, sob analise, acusou defeitos. A palavra "uma" podia ser interpretado como numero ao envez de artigo, o que criaria um clima extremamente perigoso. A palavra "mulher" tinha, talvez, no espirito do meu interlocutor, uma resonancia de tudo diversa da minha. Parece que nas camadas sociais ás quais ele aparentemente pertence, ela tem ligação com a palavra "prostituta". Os dois nasais em "bom" e "não", tão juntos, trairiam demasiadamente o meu sotaque. Abri, portanto, um novo caminho para a solução do problema, e construi o seguinte: "Que tal uma sarota aqui na cela?"

Construção admiravelmente simples, sem verbo, sem nasal, com um unico R a trair o meu sotaque. O artigo "uma", no entanto, era um defeito. Sob analise descobri, além disso, um tom de irivolidade, talvez de todo antipatico ao meu companheiro, e em flagrante contraste com a nossa situação de prisoneiros. francamente me chocou tambem o seu patente mau gosto.

Comunicação.

Abandonai portanto essa obra para optar pela seguinte: "Mulhe faz falta a gente, não é?"

Uma construção, creio eu, quase perfeita. Comparavel, em sua rigorosa seriedade e severidade, sem ornamentação nem accessorio externo as obras classicas da antiquidade. Magistralmente tinha evitado o artigo. A palavra "mulhé", ao mesmo tempo popular e literaria, me parecia de todo apropriada. Os dois verbos eram dos mais simples, e no entanto carregados do significado mais profundo. "A gente": que grandiosa construção, impersonal e neutra, não envolve ninguem e envolvendo todos. O "não" tinha assumido uma qualidade positiva, conservando, no entanto, todos os seus aspectos negativos ao mesmo tempo. O clima da frase era ao mesmo tempo ironico e impulsivo. A depreste de certos defeitos secundarios, como uma rigorosa de excessiva e a forma gramatical de pergunta, não nego que me senti orgulhoso por ter conseguido uma solução tão feliz, e optei por ela. Pronunciei, portanto, com voz firme e clara, pousada e calma, as seguintes palavras iundamentais: "Mulhe faz falta a gente, não é?" E veio a resposta: "É".